

Preço de Café e Expectativa dos Importadores

Antônio De'Ilm Netto

(Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo)

O Governo Federal, por razões que provavelmente devem situar-se mais no plano político do que no plano econômico, vai fazer vigorar a partir de 1957/1958 do nosso principal produto de exportação um mecanismo que pela sua inflexibilidade representa sérias perigos para a economia nacional. O Sr. Juscelino Kubitschek adiou, de fato, a marcha da produção sobre o Rio de Janeiro, mas teve de pagar por isso um preço que ainda não sabe ao certo qual será. Poderá ser muito pequeno (no caso em que as florestas sejam apenas normais e os consumidores do mercado não resolvam repartir com os exportadores os maiores benefícios em cruzeiros) ou poderá ser tão grande que não o poderemos pagar, a não ser à custa de um enorme sacrifício de toda a economia nacional.

A discussão da nova política, pé de novo, em discussão, o atual plano de reforma proposto pelo ex-ministro José Maria Whitaker que, em essência, estabeleceu uma depreciação cambial de 12,5 centavos de cruzeiros por semana até o restituição de toda a disparidade entre o dólar-café e o dólar-outras mercadorias. Dentro desta política, as letras de exportação de café continuariam a ser adquiridas com abatimento, mas o preço do dólar seria im-

as condições dos importadores estrangeiros, mas **pioram consideravelmente** as condições para o Brasil visto como um todo. A experiência mostra, ainda que a única forma de evitar esse movimento é fixar, simultaneamente os acontecimentos de 1954 e, uma taxa de câmbio de estabilização, o que, implicitamente, fixa o preço do café em dólares.

Toda a história da chamada *edificação* do produto a mais recentemente os acontecimentos de 1954 e, ao que parece, a nova política mostram que o Brasil é suficientemente importante para sustentar o preço do mercado, apesar de fazer-lhe à custa de uma tremenda desorganização dos canais normais de comercialização de uma considerável diminuição do volume das exportações.

O fato de que em mercado comprador a desvalorização do cruzeiro é repartida entre os exportadores nacionais (que recebem mais cruzeiros) e os importadores estrangeiros (que pagam menos dólares) é há muitos anos reconhecido. O prof. Eugênio Gudim [d] o exemplava em um estudo «Café e Câmbio», realizado em 1934. Ele é apontado de novo, por exemplo, no relatório que o economista E. M. Bernstein, do Fundo Monetário Internacional, elaborou a pedido do próprio Prof. Gudim, quando

5. «como resultado do café ter sido desvalorizado de 1.º para a segunda categoria, modificação que foi antecipada e, portanto, se refletiu no declínio dos preços alguns dias antes da publicação da medida, o preço médio do Santos-4 chegou a 58,22 cents comparado com 68,85 cents em janeiro». (55, pág. 4).

Estes fatos são mencionados pelo organismo que praticamente supervisiona toda o comércio do café nos EUA e, portanto, refletem a opinião daqueles que estão dentro daquele comércio. São as opiniões dos próprios operadores do mercado e refletem o que eles pensam e numa certa medida, como eles se comportam, isto é, refletem a sua expectativa e a sua ação diante do futuro provável. Toda a história do café prova e a própria análise do mecanismo de expectativa do operador mostra que qualquer possibilidade de se esperar reduções dos preços acaba por efetivá-la.

B. DESVALORIZAÇÃO E REPARAÇÃO DOS GANHOS

E do conhecimento de todas que as perspectivas para a posição estatística do café não são das melhores, porque há uma clara evidência que estamos entrando rum das ci-



Cafézal da Fazenda «Monte Carmelo», com 6 anos de idade, do sr. José R. Borba, de Jandáia.

damente elevado para Cr\$ 45.00. Se houvesse declínio dos preços externos, o abatimento seria proporcional e irreversivelmente diminuído para o restabelecimento dos preços internos então vigentes (Cr\$ 45.00 por 10 quilos, para o tipo 4 — Santos). Por maiores que sejam as críticas que se façam a este esquema, temos de reconhecer-lhe (o que não pôde ser feito para a nova política) dois méritos indiscutíveis.

Em primeiro lugar é a clara consistência com o objetivo que se quer atingir: o término da discriminação contra o café; em segundo lugar há havia sido projetado para funcionar em qualquer situação do mercado, tanto na alta, como na baixa e, uma vez pôsto em execução, não forçaria uma modificação programada para explicar qualquer que fosse o comportamento do mercado.

O presente trabalho tem por objetivo mostrar algumas dificuldades apresentadas por qualquer esquema semelhante ao de Whitaker e pôr em relevo o fato de que ainda não conseguimos resolver o principal problema preliminar de qualquer reforma cambial no Brasil, que é o seguinte: como seria possível, simultaneamente, unificar o mercado de exportação e importar em torno de uma taxa única de câmbio, estabelecida pelas forças do próprio mercado e, no máximo, defendida pelas autoridades monetárias através dasseas pressões técnicas, sem prejudicar a estabilidade do mercado cafeeiro?

A. DESVALORIZAÇÃO E PREÇO DO CAFÉ

Sabemos, por experiências que nos marcaram definitivamente, que cada vez que desvalorizamos a nossa taxa cambial (isto é, quando relativamente normais de suprimento) o nível do preço internacional do café encontra seu novo equilíbrio em ponto inferior. Procuram os importadores repartir com os exportadores as vantagens da desvalorização. Aumentam os preços em cruzeiros, diminuem os preços em dólares, melhoram aparentemente as condições dos exportadores, melhoram efetivamente

o ministro da Fazenda, confirmado, posteriormente, pelo ex-ministro Whitaker. Este relatório, que se encontra apensado ao livro do Sr. J. M. Whitaker, «Seis meses, de novo, no Ministério da Fazenda», nos diz (pág. 124): «A confiança no sistema cambial do Brasil ficou seriamente comprometida (devido das sucessivas mudanças — Instruções 70, 99, 109 e 114 da SUMOC). De um lado, os exportadores do Brasil esperam que o preço do café, em cruzeiros, suba; do outro lado, os importadores nos Estados Unidos esperam que o preço dólar do café caia. Essas expectativas aparentemente contraditórias em relação aos preços do café se conciliam numa mesma atitude em relação à taxa de câmbio.

Não é difícil crê-lo o raciocínio anterior classifica-se este caso. Para mostrar claramente que ele é verdadeiro e que é sentido não pelos técnicos, mas por aqueles que operam de fato no mercado cafeeiro, vamos transcrever algumas afirmações dos relatórios de 1954 e 1955 do Pan-American Coffee Bureau:

1. «As grandes quedas dos preços do café ocorreram em agosto, quando o Convênio Brasileiro adotou uma nova taxa de câmbio» (54, pág. 2);
2. «em virtude da preeminente posição do Brasil no mercado mundial do café, a magnitude da desvalorização do cruzeiro refletiu-se imediatamente, mas não na mesma escala que a desvalorização, no decréscimo dos preços de café» (54, pág. 3);
3. «quando a penetrante (prevailing) influência das modificações da taxa de câmbio do cruzeiro sobre o preço do café, quando o preço do produto teve lugar com o desenvolvimento desse fator» (55, pág. 3);
4. «assim a mudança do café para uma taxa de câmbio mais elevada permitiu um declínio de cerca de 9,69 cents por libra, ao mesmo tempo que se conservava o preço mínimo de Cr\$ 20,92 por libra peso» (55, pág. 3);

ções de super-produção do produto. Em curta duração a situação é melhor, apesar de entrarmos na safra de 1956/1957 com um estoque da ordem de 7 milhões de sacos (3,5 milhões nos mós do IBC e outro tanto nos portos). O projeto previa, portanto, uma desvalorização imediata do cruzeiro com relação ao dólar-café da ordem de 20%.

Dentro da evidência histórica da que podemos lançar mão e considerando as condições em que o esquema deveria vigorar (um estoque da ordem de 7 milhões de sacos e uma nova safra entrando) os ganhos em cruzeiros tenderiam a ser repartidos com os importadores. Supondo que a vantagem se repartisse igualmente entre os ganhos e os importadores, teríamos um quádo de 10%, nos preços em dólares do café, com os seguintes resultados:

A. **para o exportador**
Atualmente obtém por libra-
preço de café exportado a 56
cents por libra Cr\$ 20,72

(1) A nova política cafeeira fixa um dólar-café médio da ordem de Cr\$ 41,00 a Cr\$ 43,00, dependendo da composição da safra.

(2).

Atualmente obtém por libra-
preço de café exportado a 56
cents por libra Cr\$ 20,72

(2) Aqui se trata, como é claro, de um processo de inferência indutiva baseado essencialmente na crença de que existe uma certa